

HESPÉRIDES

Francisco Antônio de **Carvalho Júnior**

I

Profissão de fé

Odeio as virgens pálidas, cloróticas,
Belezas de missal que o romantismo
Hidrófobo apregoa em peças góticas,
Escritas nuns acessos de histerismo.

Sofismas de mulher, ilusões ópticas,
Raquíticos abortos do lirismo,
Sonhos de carne, compleições exóticas,
Desfazem-se perante o realismo.

Não servem-me esses vagos ideais
Da fina transparência dos cristais,
Almas de santa e corpo de alfenim.

Prefiro a exuberância dos contornos,
As belezas da forma, seus adornos,
A saúde, a matéria, a vida enfim.

II

Nêmesis

Há nesse olhar translúcido e magnético
A mágica atração de um precipício;
Bem como no teu rir nervoso, céptico,
As argentinas vibrações do vício.

No andar, no gesto mórbido, spleenético¹
Tens não-sei-quê de nobre e de patricio,
E um som de voz metálico, frenético,
Como o tinir dos ferros de um suplício.

És o arcanjo funesto do pecado,
E de teu lábio morno, avermelhado,
Como um vampiro lúbrico, infernal,

Sugo o veneno amargo da ironia,
O satânico fel da hipocondria,
Numa volúpia estranha e sensual.

III

Antropofagia

A Fontoura Xavier, poeta socialista.

Mulher! ao ver-te nua, as formas opulentas
Indecisas luzindo à noite, sobre o leito,
Como um bando voraz de lúbricas jumentas,
Instintos canibais refervem-me no peito.

Como a besta feroz a dilatar as ventas
Mede a presa infeliz por dar-lhe o bote a jeito,
De meu fúlgido olhar às chispas odientas
Envolve-te, e, convulso, ao seio meu t'estreito:

E ao longo de teu corpo elástico, onduloso,
Corpo de cascavel, elétrico, escamoso,
Em toda essa extensão pululam meus desejos,

– Os átomos sutis, – os vermes sensuais,
Cevando a seu talante as fomes bestiais
Nessas carnes febris, – esplêndidos sobejos!

IV

O perfume

A Artur de Oliveira

Unge-te a pele fina e cetinosa
Um perfume sutil, insinuante,
Igual à planta da Ásia venenosa,
Cuja sombra atraíçoa o viandante;

O nardo, o benjoim e a tuberosa,
As tépidas essências do Levante,
Do Meio-Dia a flora luxuosa,
De cores e de aromas abundante,

Não disputam-lhe o passo, a primazia,
Nem produzem-me a lânguida apatia
Que em noites de verão, lentas, calmosas,

Sinto quando debruço-me em teu seio,
Afogando-me em morno devaneio
Num mar de sensações voluptuosas.

V

Lusco-fusco

Da alcova na penumbra andavam flutuando
Em tênue confusão fantasmas indecisos,
Gerados ao fulgor da luz reverberando
Nos límpidos cristais e nos dourados frisos.

Era como um *sabbat* fantástico e nefando!
Das velhas saturnais talvez tivesse uns visos
A enorme projeção das sombras vacilando
Esguias e sutis sobre os tapetes lisos.

Havia no ambiente uns mórbidos perfumes;
Os bronzes, *biscuits*, se olhavam com ciúmes
Nos *dunkerques*, de pé, por dentro das redomas.

Enquanto eu, sem temor, ao lado de uma taça,
Um conto oriental relia entre a fumaça
Dum charuto havanês de excêntricos aromas.

VI

Símia

Sobre uma página de Baudelaire.

Assim como os painéis, aos quadros inspirados,
Embora perfeições, adorna-os a moldura,
Que, apesar de excluir o *exato* da pintura,
Vem destacar a tela aos olhos fascinados;

Igualmente o *cold-cream*, as tintas, os frisados,
Não te empanam sequer a rara formosura,
E em meio do aranzel dessa Babel impura
Os teus encantos mil eu vejo realçados.

Tudo parece amar-te e condizer contigo;
E quando num abraço afetuoso, amigo,
Cambraias e cetins envolvem-te sem pejo

O belo corpo nu, febril e palpitante,
Tens o gesto, o ademã e a graça triunfante
Duma infantil macaca ao som dum realejo.

VII

Ambae florentes

A C. F.

São ambas louras e finas
Como as virgens esboçadas
Nas amplas telas divinas
Das escrituras sagradas.

Duas irmãs peregrinas,
Entre mimos educadas,
Brasileiras genuínas,
Polidas e delicadas.

Mas não sei por que debique,
(Dessas pilhérias cediças,
Que não há quem as explique)

Além de serem postiças,
Dizem todos que por *chic*
Intitulam-se *suíças*.

VIII

Cena de bastidor

Entre aplausos gerais findara o ato.
Na platéia faziam comentário
Do desempenho e luxo do seu fato,
Do mérito da peça e do cenário.

Para saudá-la um batalhão compacto
De amantes, inclusive o empresário,
Esperava na *caixa* timorato
Que ela trocasse a roupa, o vestuário.

Baldado intento! O pálido galã
Repete a cena ao vivo com afã
No camarim, beijando-lhe a madeixa.

O pano vai subir; porém que importa?
E quando o contra-regra bate à porta
Mal pode a bela responder à *deixa*.

IX

Febre cibária

Num divã reclinada, em desalinho,
Ardendo toda em lúbricos desejos,
Alvorçados ao vapor dos vinhos,
Que não pagara-lhe os ardentes beijos,

A cortesã, no solitário ninho,
À sua *viuvez* lia uns motejos...
Era casado o amante, e foi caminho
Dos penates... após meros cortejos.

Tinha, contudo, uma esperança vaga:
Uma aventura, a aparição de um mito,
Uma dessas visões que a mente afaga.

‘Stava quase descrente, quando um grito
De surpresa escapou-lhe. Era *Malaga*,
King-charles educado e favorito.

X

Margarida Gautier

Dir-se-ia uma paixão, ao menos na aparência;
Na desordem febril, no fogo que emanava
Do seu olhar de ônix, vivaz fosforescência,
Tremeluzindo a flux, ardente como a lava.

Outras vezes sombria em presa da influência,
Dum profundo pesar, de apreensões escrava,
Odiava o passado e instava a Providência
Pra abençoar-lhe o afeto, o amor que a dominava.

Arrependida assim, qual nova Madalena,
Conquista a admiração do mundo que a condena,
E dos bardos gentis merece a apoteose.

A ciência, porém, que estuda e não se ilude,
Rejeita a redenção, descrê dessa virtude,
Recusa o sentimento e afirma – uma nevrose.

XI

Plástica

Quando tombam-te aos pés as roupas elegantes,
As rendas, os cetins, as nuvens de brocados,
Que envolvem-te o perfil, as carnes deslumbrantes,
Como as névoas do inverno os montes anilados,

Deixando-me entrever-te as formas palpitantes
De seiva e de calor, os traços arqueados,
Os flácidos quadris, as curvas cintilantes,
Do contorno polido ocultos predicados:

Não sinto dentro em mim ferverem-me os desejos,
Nem tento consumir-te ao fogo dos meus beijos,
Esplêndida mulher, formosa cortesã!

Apenas te contemplo extático, enlevado,
Como o artista que vê palpável, animado,
Um molde escultural de inspiração pagã.

XII

Esboço

D'après-nature.

Je suis belle, ó mortels! comme un rêve de pierre
Et mon sein, où chacun c'est meurtri tour à tour,
Est fait pour inspirer au poète un amour
Eternel et muet ainsi que la matière.

Ch. Baudelaire, *Les fleurs du mal*.

No dorso azul cetíneo da otomana,
À frouxa luz do gás, amortecida,
Numa *pose* indolente de sultana
Ou de estátua pagã, jaz estendida.

O correto Ideal da forma humana,
A Estética no mármore esculpida
P'la crença grega, sensual, profana,
Nela se reproduz, sendo excedida

Por uns retoques mais, indefiníveis,
Que as estátuas marmóreas, impassíveis,
Não poderiam nunca traduzir;

Por uns lampejos dúbios, infernais,
Como o brilho fulgente dos metais,
Agudos como a ponta dum *fakir*!

XIII

Après le combat

Quando, pela manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Imersa em languidez profunda, indefinida,
O lábio ressequido e a pálpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lúbrica expansão, na febre alucinada
Do gozo sensual, frenético, homicida,
Como a lâmina aguda e fria de uma espada.

E ao ver em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos móveis no caminho,
E o *boudoir* enfim do caos um fiel plágio,

Suponho-me um herói da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos dum naufrágio!

XIV

Ídolo negro

Tens o perfil sombrio e monstruoso
Das frias divindades indianas,
Cujo culto feroz e sanguinoso
Se alimenta de vítimas humanas.

Fazes do vício o teu sinistro gozo,
E o sangue de teus crentes espadanas,
Moderna Jaghernat, mito assombroso,
Da marcha de teu carro entre as hosanas².

Inspiras-me a paixão desordenada,
Que anima a consciência depravada
Do Thug, cuja sede não se acalma

Assassinando em honra ao atroz Siva;
E como deusa Kali³, – a vingativa –,
És o *ídolo negro* da minha alma.

XV

Sulamita

Vogavam no ambiente os tépidos vapores
Dos vinhos do festim, fogosos, aloirados
Aos prismas dos cristais brilhantes, irisados,
Dum luxo oriental de excêntricos labores.

Nas jarras do Japão emurhecidas flores
Trescalavam sutis perfumes saturados,
Pelo fumo do gás e do álcool misturados,
Subindo em espirais pesadas, incolores.

A um canto do salão, numa otomana escura,
Jazia seminua a bela sibarita
Em doce embriaguez, a pálpebra cerrada.

Um tipo sensual! A lúbrica estrutura
Da beleza da Bíblia – a casta Sulamita,
– O amor de Salomão na Página Sagrada!

XVI

Adormecida

Quando vejo-te assim, do sono na indolência,
Dilatado o contorno algente, acetinado,
Entumecido o seio, e um tom fresco e rosado
Tingindo-te da carne a rica florescência;

Quando vejo o abandono, a mórbida aparência
Do teu corpo em nudez, imóvel e prostrado
Como se fora morto; apenas agitado
Pelo fluxo do sangue em plena efervescência;

E mais a trança negra, a trança que se espraia
Na vaga dos lençóis, na espuma da cambraia,
Trescalando o perfume incômodo de *Orizza*⁴,

Aos flancos de teu leito, abutres esfaimados,
Meus instintos sutis negrejam fileirados,
Bem como os urubus em torno da carniça.

XVII

Helena

A Lopes Trovão.

Cruzamos um olhar veloz como um fuzil,
Um único, o primeiro, e desde esse momento
Feriu-me vivamente o teu régio perfil
A ponto de esquecer-me o nono mandamento.

A história desse amor tantálico, febril,
Amor italiano, audaz e ciumento,
Que teve a duração de um sonho em mês de abril
E viveu do perigo ao mágico elemento,

É a história comum dos dramas do adultério,
Que tem a seu favor a musa do mistério,
Os reclamos da carne e as seduções do crime.

Teu marido, porém, já tarda a *deitar cena*,
É um novo Menelau, burguês a fazer pena...
E um fastio de morte há muito nos oprime...

XVIII

For ever

Fugiste-me! Que importa? Em toda a tua vida
Arraiçou-se este amor, mais forte que o destino!
Seu eco há de seguir-te o passo peregrino,
Não tentes abafá-lo; há de ficar vencida!

Liga-nos a saudade – algema denegrada!
Na espádua, no quadril, qual garra de Ugolino,
Selei-te com meu lábio ardente e purpurino,
Que por onde roçou deixou-te uma ferida.

Na massa do teu sangue, de cada artéria ou fibra
Nas rijas pulsações, em ti constante vibra
A força varonil dessa infernal paixão.

Cada um beijo que eu dei-te e mais cada carinho,
Eu sei que te há de ser horrível pelourinho,
Bem como cada abraço um guante de prisão!

XIX

A nova sensação

A propósito do Primo Basílio.

Sentado ali juntinho em atitude ufana
Num *puff* de cetim, – dispéptico, suado,
O cabelo revoltado, arfando de cansado,
Ele a contempla nua em cima da otomana.

Enquanto ela indolente e mórbida se abana,
A boca e o lábio seco, o rosto machucado,
Por um tremor nervoso o corpo inda agitado
Na febre da volúpia histérica e tirana.

Então a se esvaír no derradeiro espasmo,
Com um gesto de enfado e mágoa e de sarcasmo,
Tediada e sutil murmura-lhe a uma orelha:

“Ora! o *Primo Basílio* é mesmo uma antigalha!
Estás muito atrasado, ó pálido canalha!
A nova sensação pra mim é muito velha!”

XX

En attendant

Nas costas de um retrato de Castro Alves.

Onde estás que não ouves meus suspiros,
Peregrina andorinha da minh'alma?
Debalde por ti clamo!... tudo é mudo
Na alcova triste, solitária e calma.

E tudo aqui a me falar de ti!
O *puff* aonde assentas os pezinhos,
A otomana azul onde repousas
Nas horas em que vemo-nos sozinhos!

As poltronas vazias e dispersas,
O espelho dourado, a jardineira,
O toucador, altar dos teus encantos,
A isolada e gentil conversadeira!

Teu leito é um deserto árido e triste,
Vasto Saara do amor abandonado!
Murmura-me o teu nome o travesseiro,
E saudoso balouça o cortinado.

Vem, Nini! não tardes, 'stou viúvo!
Em meio desta noite escura e fria
Vem aquecer-me ao fogo de teus beijos,
Andorinha do amor, ave erradia!

XXI

A ***

Improviso.

Um beijo teu val mais que o mundo inteiro
E mais que a eternidade o teu amor:
Humilha-se o universo às tuas plantas;
Não és filha, és irmã do Criador.

XXII

No álbum de um colega

Agora que é chegado o fim da romaria
E o grau de bacharel, há tanto cobiçado,
Vai breve nos livrar daqui, d'Academia,
Forçoso é que ao partir, cada um para seu lado,

Digamo-nos adeus. Amigo, a primazia,
Aceito-a com prazer, não quero ser rogado,
Unidos como irmãos na dor e na alegria,
De primeiro escrever neste álbum reservado.

Por isso eu te consagro aqui neste soneto
Um voto de afeição que nem por um decreto
Jamais esquecerei, nem mesmo sendo velho.

Deixamo-nos aqui. Se não vier a morte,
Havemo-nos de ver algures, quando a sorte
Quiser nos dar lugar de Estado no Conselho.

Crítérios de edição

Nesta edição foram adotados os seguintes critérios:

1. **Pontuação, iniciais maiúsculas e itálicos.** Foram conservados a pontuação, o emprego de iniciais maiúsculas e o emprego de itálicos do autor. Constitui exceção a esta regra a correção de um erro óbvio no poema XXII do livro: nesse soneto, o ponto final no interior do primeiro verso do segundo terceto foi acrescentado.

2. **Ortografia.** A ortografia, no geral, foi atualizada, conforme a Reforma Ortográfica de 1943 e conforme as determinações da Lei n. 5.765, de 1971. Essa atualização implicou as seguintes alterações:

2.1. **Acentuação gráfica.** As palavras foram acentuadas conforme as regras vigentes.

2.1.1. **Palavras proparoxítonas.** Todas as proparoxítonas foram acentuadas. Encontram-se nos poemas, não acentuadas, as seguintes palavras: alcool, arido, atomos, dispeptico, elastico, electrico, esplendida(os), esthetica, excenticos, exoticas, extatico, flascidos, fulgido, gothicas, hesperides, hydrophobo, hysterica, idolo, incommodo, lamina, languida, limpidos, lubrico(a/os), magico(a), magua, magnetico, marmore, merito, metallico, morbido(a/os), Nemesis, nevoas, opticas, pagina, pallido(as), palpebra, plastica, phrenetico, proposito, rachiticos, satanico, sceptico, spleenetico, tantalico, tepidas(os), translucido, unico, victimas.

2.1.2. **Palavras paroxítonas.** Aparecem acentuadas nos poemas e tiveram seus acentos suprimidos as seguintes palavras paroxítonas: apregôa, atraição, côes, cruzámos, findára, flóra, fôra, fórmula(s), nevróse, núa, pagára, póde, semi-núa, téla(s).

Ocorrem, nos poemas, os seguintes casos de paroxítonas que devem ser acentuadas:

2.1.2.1. **Palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral.** Foram acentuadas todas as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral. Aparecem, nos poemas, sem acentuação, as seguintes palavras: adulterio, apparencia, arteria, Asia, Basilio, Biblia, cibaria, commentario, consciencia, dubios, effervescencia, empresario, espadua, essencias, estatua(s), exuberancia, florescencia, historia, impassiveis, indefiniveis, indolencia, influencia, labio, magua, marmoreas, materia, moveis, mysterio, naufragio, nevoas, patricio, phosphorecencia, pilherias, plagio, precipicio, Providencia, regio, scenario, sciencia, setineo, solitario(a), supplicio, tenue, transparencia, vestuario, vicio, volupia.

2.1.2.2. **Palavras paroxítonas terminadas em “l” e “x”.** Foram acentuadas todas as palavras paroxítonas terminadas em “l” e “x”. Aparecem, nos poemas, sem acentuação as seguintes palavras: horrivel, immovel, onix, palpavel.

2.1.2.3. **Palavras paroxítonas terminadas em “um”.** Foi acentuada a única palavra paroxítona terminada em “um” que aparece, sem acento, nos poemas: album.

2.1.3. **Palavras oxítonas.** São acentuadas as palavras oxítonas terminadas em “a”, “e”, “o”, seguidos ou não de “s”, “em” e “ens”. No poema “Adormecida” aparece, acentuada, a palavra “urubús”, oxítona terminada em “u” seguido de “s”: o acento foi suprimido.

2.1.3.1. **Palavras oxítonas terminadas em “a”, “e”, “o”, seguidos ou não de “s”.** Foram acentuadas todas as oxítonas com essas terminações. Aparecem nos poemas, sem acento, as seguintes palavras: abafal-o, ademan, afan, apoz, burguez, cortezan, divan, galan, havanez, irman(s), manhan, pagan, saudal-a.

2.1.4. **Monossílabos.** Encontram-se nos poemas, acentuados, os seguintes monossílabos, que tiveram seus acentos suprimidos: dôr, nú , vêr (vêr-te).

2.1.4.1. **Monossílabos tônicos.** Foram acentuados os monossílabos tônicos terminados em “a”, “e” e “o”, seguidos ou não de “s”: gaz, ha, has, mez, que.

2.1.5. **Uso do apóstrofo como acento agudo.** E’s (ao par de És), E’. Nesses casos, o “E” recebeu acento.

2.1.6. **Acento secundário.** Nos poemas, trazem acentos secundários as seguintes palavras: jámais, pésinhos, sósinhos. Em todos os casos, o acento foi suprimido.

2.2. **Crase.** Nos poemas, o fenômeno da crase vem sinalizado por acento agudo (sobre minúsculas) e por apóstrofo (junto a letras maiúsculas) – assim: á, ás, A’. Craseamos de acordo com a norma atual.

2.3. **Consoantes mudas.** Todas as consoantes não pronunciadas foram eliminadas. Ocorrem nos poemas as seguintes palavras com consoantes mudas: acceito-a, accessos, acto, affecto, affectuoso, attracção, condemna, correcto, electrico, escriptas, escripturas, esculptural, estruturas, *exacto*, fluctuando, instinctos, juntinho, Magdalena, projecção, redempção, sancta, seducções, sceptico, somno, subtil(is), victimas. Na palavra “redempção”, a supressão do “p” mudo implicou a substituição do “m” por “n”.

2.4. **Consoantes duplicadas: “cc”, “ff”, “ll”, “mm”, “nn”, “pp”, “tt”.** Todas essas duplicações de consoantes foram simplificadas. Ocorrem nos poemas: bocca, occulto, peccado, secco; affaga, affecto, affectuoso, affeição, affirma, effervescencia; alli, allucinada, belleza(s), bello(a), cabello, collega, ella, elle, fallar, illude, illusões, metallico, nella, pallido(as), pelle, pullulam, scintillantes, sellei-te, vacillando; commentario, commum, emmurhecidas, immersa, immovel, incommodo; cannibaes, hosanna, panno, tyranna; apparencia, aparição, applausos, apprehensões, opprime, supplicio, supponho-me; attitude, attracção, ottomana. Sobre a palavra “*puff*”, ver item n. 3, adiante. Sobre as consoantes “b” e “z” duplicadas, em “*Orizza*” e “*sabbat*”, ver item n. 3, adiante.

2.5. **Dígrafos helenizantes: “ch” (oclusivo velar), “ph” (fricativo lábio-dental), “th” (oclusivo alveolar).** O dígrafo “ch” foi atualizado para “c” ou “qu”: archanjo, chloroticas, chrystaes, echo, rachiticos; “ph” para “f”: hydrophobo, phantasmas, phosphorecencia, phrenetico, sophismas, triumphante; “th” para “t”: apathia, apotheose, Arthur, Esthetica, Gauthier, gothicas, mytho. Sobre a palavra “Thug”, ver item n. 3, adiante.

2.6. **“y”.** Todas as palavras grafadas com “y” tiveram essa letra substituída por “i”: chrystaes, hydrophobo, hypocondria, hysterica, hysterismo, lyrismo, mysterio, mytho, sybarita, typo, tyranna.

2.7. **“m” antes de consoante que não “p” e “b”.** Todo “m” antes de consoante diferente de “p” e “b” foi substituído por “n”: contigo, comtudo, emfim, emquanto, triumphante.

2.8. **“sc” inicial.** Foi eliminado o “s” inicial: scena, scenario, sceptico, sciencia, scintillantes.

2.9. **“s etimológico antes de c, no interior de palavra”.** No texto, aparece com “s” antes de “c”, a palavra “flascidos” e sem “s” antes de “c” a palavra “phosphorecencia”. Ambas tiveram sua ortografia atualizada, a primeira pela supressão e a segunda pelo acréscimo do “s”.

2.10. **“s/c”.** Palavras grafadas com “s”, que atualmente se grafam com “c”: sedição, setineo, setinosa, setim(ns).

2.11. **“ss/ç”.** Palavra grafada com “ss”, que atualmente se grafa com “ç”: *suiissas*.

2.12. **“ss/c”.** Palavra grafada com “ss”, que atualmente se grafa com “c”: assetinado.

2.13. **“s/ss”.** Palavra grafada com “s”, que atualmente se grafa com “ss”: resequido.

2.14. **“z/s”.** Palavras grafadas com “z”, que atualmente se grafam com “s”: apezar, apóz/apoz, atrazado, burguez, cortezan, empregar, frizados, gaz, havanez, mez, pezar, preza, quizer, surpresa.

2.15. **“s/z”.** Palavras grafadas com “s”, que atualmente se grafam com “z”: pésinhos, sósinhos, vasiaes.

2.16. **“g/j”.** Palavra grafada com “g”, que atualmente se grafa com “j”: geito.

2.17. **“h” intervocálico.** Aparecem nos poemas, com “h” intervocálico, as seguintes palavras: apprehensões, cahos, Sahara. Em todos os casos o “h” foi suprimido.

2.18. **Ditongos decrescentes abertos “ai”, “au”, “éi”, “ói”.** Todos os ditongos decrescentes tiveram sua grafia atualizada: bestiaes, cannibae, chrystaes, espiraes, geraes, gráu, heroe, ideaes, infernaes, lençoes, Meneláu, metaes, paineis, platéa, saturnaes, sensuaes, vae.

2.19. **Ditongo crescente átono final “oa”**. Aparece grafado “ua”, e foi atualizado para “oa” o ditongo crescente átono final de “magua”.

2.20. **“i/e” pretônico**. Aparecem nos poemas com “i” pretônico as seguintes palavras, que hoje se grafam com “e”: alfinim, siquer.

2.21. **“i/e” postônico**. Aparece nos poemas com “i” postônico a seguinte palavra, que hoje se grafa com “e”: quasi.

2.22. **“e/i” pretônico**. Aparecem nos poemas com “e” pretônico as seguintes palavras, que hoje se grafam com “i”: Creador, igual, igualmente.

2.23. **“o/u” pretônico**. Aparece nos poemas com “o” pretônico a seguinte palavra, que hoje se grafa com “u”: logar.

2.24. **“u/o” postônico**. Aparece nos poemas com “u” postônico a seguinte palavra, que hoje se grafa com “o”: magua. Essa é uma palavra que pode ser paroxítona ou proparoxítona. Como foi incluída entre as paroxítonas (item 2.1.2.1.), o “u” deve ser considerado prepositiva do ditongo “ua”.

2.25. **“u” tônico depois de vogal com a qual não forma ditongo**. Aparecem nos poemas, sem acento no “u”, as seguintes palavras: ciumes, viuvo. Nesses casos, o “u” recebeu acento.

2.26. **“i” tônico depois de vogal com a qual não forma ditongo**. Aparecem nos poemas, sem acento no “i”, as seguintes palavras: genuinas, *suissas*. Nesses casos, o “i” recebeu acento.

2.27. **Conjunção “se”**. A conjunção “se” aparece nos poemas duas vezes, em ambas grafada “si”. Atualizou-se a ortografia.

2.28. **Apóstrofo**. O apóstrofo foi eliminado nos seguintes casos: d’um, d’uma, n’um, n’uma, n’uns, p’ra.

2.29. **Ligação de palavras**. No texto dos poemas, aparecem, sem ligação, os substantivos “não sei que” e “*King charles*”, que receberam hífen (“não-sei-quê” e “*King-charles*”); aparece, também, mas com hífen, o adjetivo “semi-núa”, que passou a ser grafado sem hífen (“seminua”). Nas formas verbais com as formas arcaicas dos pronomes oblíquos de terceira pessoa, “lo” e “la”, as formas pronominais foram separadas do tema verbal por hífen. Na edição de 1879, eles vêm assim grafados: “abafal-o” (que passou a “abafá-lo”), “saudal-a” (que passou a “saudá-la”).

3. **Nomes e palavras de origem estrangeira**. No texto aparecem as seguintes palavras oriundas de terras estrangeiras, ora em itálico, ora em redondo: *biscuits*, *boudoir*, *chic*, *cold-cream*, *dunkerques*, *fakir*, *Jaghernat*, *Kali*, *King charles* (grafado aqui com hífen – “*King-charles*”), *Malaga* (que, no verso em que aparece, é paroxítona), *Orizza* (“Orissa” – no poema em que aparece, rima com “carniça”), *puff*, *sabbat*, *Siva*, *suissas* (atualizado para “*suíças*”), *Thug*. Com exceção de “*suíças*”, em que o itálico nos pareceu estilisticamente mais relevante do que a grafia fora dos padrões da língua

portuguesa atual, e do hífen introduzido em “*King charles*”, em todos os outros casos, o itálico ou o redondo, assim como a ortografia, foram mantidos. O nome do poeta Baudelaire, assim grafado nesta edição, vem, nos poemas “Símia” e “Esboço”, grafado Beaudelaire. Muitas dessas palavras, percebidas como estrangeirismos na época do poeta, com seu quê de exótico, incorporaram-se ao léxico português.

4. **Aspas.** Foram usadas aspas apenas no início e fim de trechos destacados, sem a repetição delas no início de cada verso, como era costume na época.

5. **Notas.** As notas são dos editores do texto e trazem, entre colchetes, a indicação N.E.

Comentário

Bárbara Magalhães
Licenciada em Letras

Prof. José Américo Miranda
Doutor em Literatura Comparada/Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Minas Gerais

Francisco Antônio de Carvalho Júnior nasceu no Rio de Janeiro em 1855, filho de Francisco Antônio de Carvalho e de dona Rosa Filgueiras de Carvalho. A data exata de seu nascimento é duvidosa; alguns autores indicam o dia 6 de maio (Sacramento Blake, José Paulo Paes e Massaud Moisés, J. Galante de Sousa, Péricles Eugênio da Silva Ramos, J. S. Ribeiro Filho); outros, o dia 11 de março (Raimundo de Meneses e a *Enciclopédia de Literatura Brasileira*).

Carvalho Júnior estudou na Faculdade de Direito de S. Paulo, obtendo o grau de bacharel em 1877, depois de ter estudado, também, durante o terceiro e quarto anos do curso, em Recife. Ainda estudante, colaborou com *A República*, periódico a que estiveram ligados importantes intelectuais da época, como Quintino Bocaiúva, Salvador de Mendonça, Lúcio de Mendonça e até José de Alencar, que, em suas páginas publicou, como folhetim, o romance *Til*. A primeira edição desse romance, em 4 volumes, foi também impressa, em 1872, para B. L. Garnier, na tipografia do jornal.

Depois de formado, Carvalho Júnior foi nomeado promotor público de Angra dos Reis, onde se casou. Sofrendo de doença cardíaca, mudou-se para o Rio de Janeiro. Aí exerceu o cargo de juiz municipal. Faleceu em 3 de maio de 1879.

Ainda em 1879, um amigo do poeta, Artur Barreiros, reuniu-lhe a obra e publicou-a. O livro recebeu o título de *Parisina, escritos póstumos* e continha cinco seções: na primeira, trazia um drama, “Parisina”; na segunda, sob o título de “Hespérides”, vinham os 22 poemas aqui reproduzidos integralmente pela primeira vez desde então; na terceira, folhetins; na quarta, crítica literária; e na quinta, escritos vários.

Do drama em três atos, “Parisina”, inspirado no poema homônimo de Byron, não há notícia de que tenha algum dia sido levado à cena.

Das “Hespérides”, conjunto de apenas 22 poemas, entre dois e cinco sonetos aparecem nas principais antologias de poesia brasileira – alguns deles foram transcritos integralmente em *Histórias da Literatura Brasileira*. Manuel Bandeira, na *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana* (1938), publicou “Profissão de fé”, “Nêmesis” e “Antropofagia”; Péricles Eugênio da Silva Ramos, no *Panorama da poesia brasileira III – Parnasianismo* (1959), incluiu “Nêmesis”, “Antropofagia”, “Lusco-fusco”, “Profissão de fé” e “Après le combat”, e em *Poesia simbolista: antologia* (1965), reproduziu os três primeiros; e Benjamin Abdala Júnior, na *Antologia de poesia brasileira: Realismo e Parnasianismo* (1985), publicou “Profissão de fé” e “Antropofagia”. Como se vê, “Profissão de fé” e “Antropofagia” são os dois poemas mais divulgados do poeta.

No mesmo ano de sua morte, mas depois dela e depois da publicação de *Parisina*, Machado de Assis, no ensaio intitulado “A nova geração” – ensaio em que avaliou os novos poetas do tempo e que apareceu na *Revista Brasileira* (terceira fase, editada por N. Midosi, t. II, p. 372-413, 1879) –, já o assinalava como “o representante genuíno de uma poesia sensual”: “Nunca, em nenhum outro poeta nosso, apareceu essa nota violenta, tão exclusivamente carnal”⁵. Estava batizado o poeta. Sílvio Romero, algum tempo depois, diria que o apreciava “pela correção, pela naturalidade, pelo sabor do mais completo realismo”⁶.

Péricles Eugênio da Silva Ramos afirma que “Carvalho Júnior é poeta que merece consideração e exame, uma vez que, a despeito do influxo baudelairiano, alcançou expressão própria.” Segundo ele, Carvalho Júnior pode ser considerado, juntamente com Teófilo Dias, “o principal poeta do realismo brasileiro”⁷. O fato de Carvalho Júnior haver ultrapassado os limites da influência de Baudelaire, diga-se, já havia sido demonstrado por Machado de Assis. Na avaliação de Massaud Moisés, os sonetos de Carvalho Júnior “constituem do melhor que o decênio de 70 presenciou entre nós”⁸.

Mais recentemente, o poeta foi objeto de dois estudos importantes: Danilo Lobo estudou-lhe o erotismo nos versos; Antonio Candido, a sua inserção no grupo dos primeiros baudelairianos brasileiros, que incluía Teófilo Dias e Fontoura Xavier.

No poeta, era intenso o desejo de escandalizar. Consoante com essa característica de sua personalidade poética, mereceria referência o acontecimento relatado por Antonio Candido, no ensaio mencionado: Fontoura Xavier, em seu enterro, recitou-lhe à beira do túmulo um poema que começava por estes versos:

Um instante, coveiro! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podes levá-lo, a Satanás, contigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus⁹.

Ironia do destino: ao invés de ser conduzido ao inferno, como previa a blague do amigo, Carvalho Júnior seguiu o caminho da glória: cada vez mais sua obra vem sendo reconhecida como imprescindível aos quadros da literatura brasileira.

O que mais nos surpreende, no entanto, na poesia de Carvalho Júnior é a desproporção entre sua extensão (pequena) e sua importância (muito grande). Esse contraste faz lembrar o que disse Ezra Pound da obra de Safo, idéia que retomamos, trocando as palavras, para casá-las com a circunstância e o caso de nosso poeta: ele escreveu tão pouco que tanto se pode lê-lo como não lê-lo; mas, quem o ler verá que valeu a pena.

Referências:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. (Org.) *Antologia de poesia brasileira: Realismo e Parnasianismo*. São Paulo: Ática, 1985.

ALENCAR, José de. *Til; O sertanejo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. [Edição comemorativa do centenário de morte do autor, v. 5].

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: _____. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962. p.180-244.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Edição fac-similar. Guanabara [Rio de Janeiro]: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7 v.
- CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: _____. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989. p. 23-38.
- CARVALHO JÚNIOR, Francisco Antônio de. *Parisina, escritos póstumos*. Rio de Janeiro: Agostinho Gonçalves Guimarães, 1879.
- ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1989. 2 v.
- LOBO, Danilo. A poesia erótica de Carvalho Júnior. In: CONGRESSO DA ABRALIC: CÂNONES E CONTEXTOS, 5., 1996, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Abralic/CNPq/Finep, 1998. v. 2. p. 563-566.
- MENESES, Raimundo. *Dicionário de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Realismo*. São Paulo: Cultrix, [s.d.]. [História da literatura brasileira, v. 3].
- PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- POUND, Ezra. *Abc da literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Panorama da poesia brasileira III – Parnasianismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia simbolista: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. A renovação parnasiana na poesia. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 4, p. 91-149.
- RIBEIRO FILHO, J. S. *Dicionário biobibliográfico de escritores cariocas*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. 5 v.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOUSA, J. Galante. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2 v.

¹ A palavra inglesa *spleen* teve ampla circulação entre autores do século XIX. Aportuguesada, a palavra tornou-se “esplim”, origem do adjetivo “esplinético”, empregado por Manuel Bandeira na edição que preparou deste poema. Entretanto, o largo uso do vocábulo *spleen*, em francês e em português, parece-nos justificar a manutenção do adjetivo na forma em que está na edição de 1879. A palavra foi diversas vezes empregada por Baudelaire, poeta que teve decisiva e reconhecida influência literária sobre Carvalho Júnior. O sentido do termo tem importantes conotações na poética baudelairiana, na poética romântica em

geral, e é um conceito importante para a mais plena compreensão da poesia de Carvalho Júnior – por colocá-la em relação direta com seus intertextos [N.E.].

² Observe-se que o autor emprega “hosana” como palavra do gênero feminino [N.E.].

³ 8 Observe-se que o acento do verso recai sobre a sexta sílaba, devendo a palavra “Kali” (“Cali”) ser pronunciada “Káli” [N.E.].

⁴ “*Orizza*”: Orissa, região da Índia, no golfo de Bengala. Observe-se que a palavra rima com “carniça” [N.E.].

⁵ ASSIS, 1962, p. 195.

⁶ ROMERO, 1943, t. 5, p. 292.

⁷ RAMOS, 1959, p. 17.

⁸ MOISÉS, [s.d.], p. 170.

⁹ XAVIER apud CANDIDO, 1989, p. 36.